

GTA | Guião de Trabalho Autónomo n.º 20

Português 12.º ANO

Tema 3: Poesia dos Heterónimos Subtema 4: Álvaro de Campos - *O Moderno*



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?



O QUE VOU APRENDER?



COMO VOU APRENDER?



O QUE APRENDI?



COMO POSSO COMPLEMENTAR A
APRENDIZAGEM?



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?

No poema *Opiário*, Álvaro de Campos revela-nos o tédio existencial de um engenheiro naval que busca no ópio o escape para a sua desilusão. Este poema-confissão navega entre o desencanto moderno e o exotismo oriental que falha em curar a alma doente do poeta. Vem conhecer como Álvaro de Campos, nesta sua fase decadentista, captou o vazio interior que nem as viagens pelo Oriente conseguiram preencher!



O QUE VOU APRENDER?

NO DOMÍNIO DA ORALIDADE:

- Identificar marcas reveladoras das diferentes intenções comunicativas.
- Expressar, com fundamentação, pontos de vista suscitados por leituras diversas.
- Fazer apresentações orais para apresentação de sínteses e de temas escolhidos autonomamente ou requeridos por outros.

NO DOMÍNIO DA LEITURA:

- Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.
- Clarificar tema(s), subtemas, ideias principais, pontos de vista.
- Utilizar criteriosamente procedimentos adequados ao registo e tratamento da informação.
- Expressar, com fundamentação, pontos de vista suscitados por leituras diversas.

NO DOMÍNIO DA EDUCAÇÃO LITERÁRIA:

- Interpretar obras literárias portuguesas de diferentes autores e géneros, produzidas no século XX.
- Mobilizar para a interpretação textual os conhecimentos adquiridos sobre os elementos constitutivos do texto poético e do texto narrativo.
- Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.
- Comparar textos de diferentes épocas em função dos temas, ideias, valores e marcos históricos e culturais.

NO DOMÍNIO DA ESCRITA:

- Escrever textos de opinião, apreciações críticas, exposições sobre um tema.
- Planificar os textos a escrever, após pesquisa e seleção de informação relevante.
- Redigir com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados.



COMO VOU APRENDER?

GTA 19: *Três Faces do Abismo: A Evolução Biográfica e Poética de Álvaro de Campos*

GTA 20: *Opiário*: O tédio oriental e a alma decadente

GTA 21: *Ode Triunfal*: A vertigem da modernidade e o delírio das máquinas

GTA 22: *Aniversário*: O regresso à infância e a dor do tempo perdido

Tema 3: Poesia dos Heterónimos

Subtema 4: Álvaro de Campos - *O Moderno*GTA 20: *Opiário*: O tédio oriental e a alma decadente**Objetivos:**

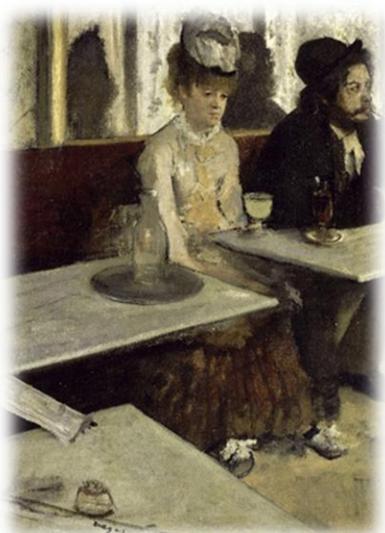
- Conhecer e analisar o poema *Opiário* como obra representativa da fase decadentista de Álvaro de Campos.
- Compreender os principais temas do poema: tédio existencial, desencanto e busca de evasão.
- Explorar os elementos estéticos do decadentismo presentes na obra.
- Analisar a construção da voz poética como um engenheiro naval entediado em viagem pelo Oriente.
- Refletir sobre a importância do *Opiário* como ponto de partida para a evolução poética de Álvaro de Campos.

Modalidade de trabalho: pequenos grupos e individual.

Recursos e materiais: manual, cadernos e *internet*.

**ETAPA 1 – Exercício de Pré-Leitura:**

Observa com atenção a pintura *O Absinto* de Edgar Degas e **lê** o excerto do poema *Spleen* de Charles Baudelaire:



Degas, Edgar. *O Absinto* (no original, *L'Absinthe*), 1876. Museu d'Orsay, Paris

Spleen

*Quando o cinzento céu, como pesada tampa,
Carrega sobre nós, e nossa alma atormenta,
E a sua fria cor sobre a terra se estampa,
O dia transformado em noite pardacenta;
[...]*

*- Ouve-se o bimbalar dos sinos retumbantes,
Lançando para os céus um brado furibundo,
Como os doridos ais de espíritos errantes
Que a chorar e a carpir se arrastam pelo mundo;*

*Soturnos funerais deslizam tristemente
Em minh'alma sombria. A sucumbida Esp'rança,
Lamenta-se, chorando; e a Angústia, cruelmente,
Seu negro pavilhão sobre os meus ombros lança!*

Baudelaire, Charles. "Spleen" (LXXVIII), *Les Fleurs du mal*, 1857



Depois de observares a pintura e leres o excerto do poema, em silêncio, durante 2-3 minutos, **reflete** individualmente:

- ❖ Que sensações estas obras te transmitem?
- ❖ Que tipo de estado de espírito está a ser retratado?
- ❖ Anota brevemente as tuas impressões antes de começares o exercício em grupo.

Após refletires, **imagina-te** numa longa viagem de navio pelo Oriente, no início do século XX, carregando contigo esse mesmo estado de espírito retratado nas obras.

Forma, agora, grupos de 3 elementos, sendo que cada um deve completar as seguintes frases:

"Como a figura na pintura de Degas, quando me sinto completamente entediado, eu..."

"Sob um céu 'baixo e pesado como uma tampa', viajar para lugares exóticos faz-me sentir..."

"Se eu pudesse escapar desta realidade por um dia, tal como muitos artistas decadentistas procuravam, escolheria..."

Depois, em conjunto com os outros elementos do teu grupo, **discute**:

- Que semelhanças encontram entre o tédio retratado por Baudelaire e a busca pelo ópio no Oriente?
- Como seria a experiência de um europeu educado e entediado, como a figura de Degas, viajando pelo Oriente no início do século XX?
- O que poderia provocar um sentimento de vazio existencial numa pessoa com acesso à cultura, viagens e conforto material?

ETAPA 2: Interpretação de um poema

Ouve o poema *Opiário* da fase decadentista de Álvaro de Campos dito por Mário Viegas e **reflete** sobre o que viste e ouviste.



[Opiário de Álvaro de Campos,](#)
[dito por Mário Viegas](#)



De seguida, **lê** o excerto do mesmo poema e **realiza** os exercícios abaixo.

Opiário (Excerto)

Ao Senhor Mário de Sá-Carneiro

É antes do ópio que a minh'alma é doente.
Sentir a vida convalesce e estiola
E eu vou buscar ao ópio que consola
Um Oriente ao oriente do Oriente.

Esta vida de bordo há de matar-me.
São dias só de febre na cabeça
E, por mais que procure até que adoeça,
Já não encontro a mola pra adaptar-me.

Em paradoxo e incompetência astral
Eu vivo a vincos de ouro a minha vida,
Onda onde o pundonor é uma descida
E os próprios gozos gânglios do meu mal.

É por um mecanismo de desastres.
Uma engrenagem com volantes falsos,
Que passo entre visões de cadafalsos
Num jardim onde há flores no ar, sem hastes.

Vou cambaleando através do lavor
Duma vida-interior de renda e laca.
Tenho a impressão de ter em casa a faca
Com que foi degolado o Precursor.
[...]

Eu acho que não vale a pena ter
Ido ao Oriente e visto a Índia e a China.
A terra é semelhante e pequenina
E há só uma maneira de viver.

Por isso eu tomo ópio. É um remédio.
Sou um convalescente do Momento.
Moro no rés do chão do pensamento
E ver passar a Vida faz-me tédio.

[...]

Deixe-me estar aqui, nesta cadeira,
Até virem meter-me no caixão.
Nasci pra mandarim de condição,
Mas falta-me o sossego, o chá e a esteira.

Ah que bom que era ir daqui de caída
Prà cova por um alçapão de estouro!
A vida sabe-me a tabaco louro.
Nunca fiz mais do que fumar a vida.

E afinal o que quero é fé, é calma,
E não ter estas sensações confusas.
Deus que acabe com isto! Abra as eclusas –
E basta de comédias na minh'alma!

No Canal de Suez, a bordo.

Poesias de Álvaro de Campos. Fernando
Pessoa. Lisboa: Ática, 1944

Parte I: Compreensão do Poema

1. Pesquisa e escreve, no teu caderno, os significados das seguintes palavras/expressões:

- Estiolar
- Pundonor
- Gânglios
- Cadafalsos
- Mandarim



2. Identifica no poema:

- Duas referências ao Oriente;
- Duas expressões relacionadas com doença ou mal-estar;
- Um paradoxo;
- Uma imagem mecânica/industrial;

3. **Organiza** os temas abaixo (1-6) nos três grupos propostos (A-C), transcrevendo, para cada um deles, um verso que o exemplifique.

1. Tédio
2. Busca de evasão
3. Doença/mal-estar
4. Desilusão com o Oriente
5. Desejo de morte/fim
6. Busca de fé

- A. Estado interior do sujeito poético
- B. Tentativas de escapismo
- C. Desilusões e aspirações

4. **Completa** a tabela abaixo com informações sobre o eu poético do poema, transcrevendo versos que justifiquem a tua resposta.

Aspeto do eu poético	Resposta	Versos que justificam
O que busca:		
O que sente:		
O que descobriu na viagem:		
O que deseja no final:		

Parte II: Interpretação do Poema

A. Explica por palavras tuas o significado do verso "Um Oriente ao oriente do Oriente". O que procura verdadeiramente o sujeito poético?

B. Comenta a desilusão do sujeito poético expressa nos versos "Eu acho que não vale a pena ter / Ido ao Oriente e visto a Índia e a China. / A terra é semelhante e pequenina / E há só uma maneira de viver."

C. Na última estrofe, o sujeito poético afirma: "E afinal o que quero é fé, é calma, / E não ter estas sensações confusas." Em que medida este desejo contrasta com a sua atitude ao longo do poema?

D. De que forma o poema *Opiário* exprime: **a)** A crise de identidade do sujeito; **b)** O tédio existencial característico do decadentismo; **c)** A desilusão com o projeto da modernidade;



ETAPA 3: Exercício de Escrita Criativa - Diário de Bordo

Imagina que és um passageiro a bordo do mesmo navio de Álvaro de Campos durante a sua viagem ao Oriente. **Escreve** uma entrada de diário (150-200 palavras) onde descrevas o teu encontro com este estranho engenheiro português que passa os dias entediado e a consumir ópio. **Reflete** sobre o que pensarias dele.



Elementos a incluir:

- Uma data e localização do navio (por exemplo: "12 de março de 1914, algures no Mar da China");
- Uma descrição física e comportamental de Álvaro de Campos, baseada no que podes inferir do poema;
- Uma breve interação ou conversa entre ti e ele;
- A tua reflexão sobre o seu estado de espírito e o contraste entre a sua formação (engenheiro) e o seu comportamento;
- Uma reflexão final sobre o que a sua atitude revela sobre o homem moderno ou sobre a relação entre o Ocidente e o Oriente;

Depois de concluíres o teu "Diário de Bordo", **avalia** o teu próprio trabalho usando a grelha fornecida:

Critério	1 (A melhorar)	2 (Suficiente)	3 (Bom)	4 (Muito Bom)	Nota
Referências ao poema	Poucas ou nenhuma referências ao contexto e ao poema	Algumas referências básicas	Várias referências bem utilizadas	Integração perfeita de múltiplos elementos	
Caraterização de Álvaro de Campos	Não corresponde ao sujeito poético do "Opiário"	Corresponde apenas parcialmente	Reflete bem o sujeito poético	Caracterização rica e totalmente consistente	
Reflexão pessoal	Ausente ou muito superficial	Presente mas pouco desenvolvida	Interessante e pertinente	Profunda e original	
Linguagem e criatividade	Linguagem simples e texto previsível	Linguagem adequada com alguma originalidade	Linguagem cuidada e abordagem criativa	Linguagem rica e extremamente criativo	



Proposta de Resolução – Etapa 1

Sensações transmitidas pelas obras:

As obras transmitem uma sensação de peso, opressão e sufocamento. Na pintura de Degas, o ambiente do café parece esmagador, enquanto, no poema de Baudelaire, o céu é comparado a uma "pesada tampa" que carrega sobre nós. Ambas evocam isolamento, mesmo em espaços públicos, e uma tristeza profunda que parece permear tudo.

Estado de espírito retratado:

Está a ser retratado um estado de tédio existencial profundo, o chamado *spleen* - um sentimento de melancolia sem causa específica, típico da sensibilidade decadentista. É um estado de espírito em que a realidade parece ter perdido toda a sua cor e propósito, deixando apenas vazio e desilusão.

Impressões gerais antes do exercício:

Estas obras parecem captar perfeitamente o espírito decadentista do final do século XIX, em que o tédio existencial e a busca de escape, através de substâncias como o absinto, eram comuns. A sensação é de um mundo que perdeu o seu brilho e significado, deixando apenas um vazio que as personagens tentam preencher, sem sucesso.

Frases individuais:

Primeira frase: "Como a figura na pintura de Degas, quando me sinto completamente entediado, eu afundo-me num silêncio distante, observando as pessoas à minha volta sem realmente as ver, como se existisse um véu entre mim e o mundo, tornando tudo insípido e sem propósito."

Segunda frase: "Sob um céu *baixo e pesado como uma tampa*, viajar para lugares exóticos faz-me sentir uma decepção ainda mais profunda, pois descubro que a mudança de cenário não altera o vazio interior que me acompanha, tornando todas as paisagens igualmente cinzentas e desprovidas de maravilha."

Terceira frase: "Se eu pudesse escapar desta realidade por um dia, tal como muitos artistas decadentistas procuravam, escolheria perder-me em alguma substância que me permitisse sentir intensamente - seja o absinto, o ópio ou a morfina - não pela fuga em si, mas pela esperança de experienciar algo para além desta insuportável apatia."



Proposta de Resolução – Etapa 1

Discussão em grupo:

Semelhanças entre o tédio de Baudelaire e a busca pelo ópio: Tanto no tédio retratado por Baudelaire quanto na busca pelo ópio, encontramos uma tentativa de escape de uma realidade opressiva. O "céu pesado como tampa" de Baudelaire cria uma sensação de sufocamento semelhante à que levaria alguém a procurar o ópio. Em ambos os casos, há uma desistência do mundo real por ser considerado insuportável e uma busca por sensações artificiais que possam substituir o vazio existencial. O *spleen* baudelaireano e o ópio representam duas faces da mesma moeda: a incapacidade de encontrar sentido no cotidiano e a necessidade de alterações da consciência para suportar a existência.

Experiência de um europeu educado no Oriente: Um europeu educado e entediado, viajando pelo Oriente no início do século XX, viveria uma experiência ambivalente. Por um lado, o exotismo oriental representaria uma promessa de renovação e descoberta, um antídoto para o tédio da civilização ocidental. Por outro, a sua educação europeia e o seu cansaço existencial funcionariam como filtros, impedindo-o de realmente experimentar o Oriente na sua autenticidade. Veria tudo através das lentes do seu próprio desencanto, procurando não tanto conhecer, mas confirmar os seus estereótipos ou encontrar novos estímulos para os seus sentidos embotados. O contraste entre a sua técnica (educação formal) e a sua alma doente seria gritante, transformando a viagem não num encontro com o outro, mas numa peregrinação frustrada em busca de si mesmo.

Causas do vazio existencial: O vazio existencial numa pessoa com acesso à cultura, viagens e conforto material poderia ser provocado pela própria saturação desses bens. O excesso de conhecimento pode levar a uma lucidez dolorosa sobre a condição humana; o excesso de conforto pode neutralizar a capacidade de sentir prazer nas pequenas coisas; e o excesso de estímulos pode gerar uma indiferença crescente perante o mundo. Além disso, a própria civilização industrial do início do século XX, com a sua mecanização da vida e perda de valores tradicionais, criava uma sensação de desenraizamento. A figura privilegiada sofre por não ter de lutar pela sobrevivência, confrontando-se assim com questões mais profundas de significado e propósito que a vida material não consegue preencher.



Proposta de Resolução – Etapa 2

Parte I: Compreensão do Poema

1. Significados das palavras/expressões:

- **Estiolar:** Murchar, definhar, perder a força vital; tornar-se débil ou fraco gradualmente.
- **Pundonor:** Sentimento de dignidade e honra; brio, orgulho.
- **Gânglios:** Em sentido anatómico, estruturas do sistema nervoso; metaforicamente, centros de dor ou sensibilidade.
- **Cadafalsos:** Estruturas elevadas onde se executavam condenados à morte, especialmente por decapitação.
- **Mandarim:** Alto funcionário da antiga China; pessoa de classe elevada na hierarquia chinesa.

2. Identificação no poema:

- **Duas referências ao Oriente:**
"Um Oriente ao oriente do Oriente" (1.^a estrofe)
"Ido ao Oriente e visto a Índia e a China" (6.^a estrofe)
- **Duas expressões relacionadas com doença ou mal-estar:**
"É antes do ópio que a minh'alma é doente" (1.^a estrofe)
"Sentir a vida convalesce e estiola" (1.^a estrofe)
- **Um paradoxo:**
"Num jardim onde há flores no ar, sem hastes" (4.^a estrofe)
- **Uma imagem mecânica/industrial:**
"É por um mecanismo de desastres. / Uma engrenagem com volantes falsos" (4.^a estrofe)

3. Organização dos temas nos grupos propostos:

A. Estado interior do sujeito poético

1. **Tédio:** "E ver passar a Vida faz-me tédio." (7.^a estrofe)
3. **Doença/mal-estar:** "É antes do ópio que a minh'alma é doente." (1.^a estrofe)

B. Tentativas de escapismo

2. **Busca de evasão:** "E eu vou buscar ao ópio que consola / Um Oriente ao oriente do Oriente." (1.^a estrofe)
5. **Desejo de morte/fim:** "Ah que bom que era ir daqui de caída / Prà cova por um alçapão de estouro!" (9.^a estrofe)



PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

C. Desilusões e aspirações

4. **Desilusão com o Oriente:** "Eu acho que não vale a pena ter / Ido ao Oriente e visto a Índia e a China." (6.^a estrofe)

6. **Busca de fé:** "E afinal o que quero é fé, é calma, / E não ter estas sensações confusas." (10.^a estrofe)

Parte 4: Tabela sobre o *Eu Poético*

Aspeto do eu poético	Resposta	Versos
O que busca:	Consolo, evasão e uma experiência transcendente que o retire do tédio existencial;	"E eu vou buscar ao ópio que consola / Um Oriente ao oriente do Oriente."
O que sente:	Tédio, doença da alma, mal-estar e sensações confusas;	"É antes do ópio que a minh'alma é doente." / "E ver passar a Vida faz-me tédio."
O que descobriu na viagem:	Que o mundo é igual em toda parte e que a viagem exterior não cura o vazio interior;	"Eu acho que não vale a pena ter / Ido ao Oriente e visto a Índia e a China. / A terra é semelhante e pequenina / E há só uma maneira de viver."
O que deseja no final:	Paz espiritual, fé e o fim do seu tormento interior;	"E afinal o que quero é fé, é calma, / E não ter estas sensações confusas. / Deus que acabe com isto! Abra as eclusas – / E basta de comédias na minh'alma!"

Parte II: Interpretação do Poema

A. O verso expressa a busca por algo além da realidade geográfica do Oriente. O sujeito poético não se contenta com o Oriente físico (China, Índia), mas procura um "super-Oriente" metafísico - uma experiência transcendente proporcionada pelo ópio que lhe permita escapar do seu vazio existencial. Não é o lugar que ele busca, mas um estado de consciência alternativo que o resgate da sua doença da alma.

B. Estes versos revelam a profunda desilusão do sujeito poético com a sua viagem ao Oriente. Após idealizar este lugar exótico, descobre que a mudança geográfica não alterou a sua existência vazia. A afirmação "a terra é semelhante e pequenina" mostra como o mundo perdeu a sua diversidade aos seus olhos, tornando-se uma homogeneidade dececionante. A frase "há só uma maneira de viver" sublinha esta uniformidade desesperadora, sugerindo que em qualquer lugar, a condição humana permanece igualmente insatisfatória.



C.

O desejo final de "fé" e "calma" contrasta fortemente com a atitude anterior do sujeito poético porque:

- enquanto no poema ele busca evasão através do ópio, no final confessa querer paz interior;
- a procura de estímulos e sensações artificiais contradiz o desejo final de simplicidade espiritual;
- o niilismo presente no poema ("Nunca fiz mais do que fumar a vida") opõe-se à aspiração espiritual final;
- a atitude de desistência contrasta com o desejo final de transformação interior.

D.

a) A crise de identidade do sujeito manifesta-se na contradição entre a sua formação de engenheiro e a sua sensibilidade decadentista; no desajuste entre o que nasceu para ser ("mandarim de condição") e o que é; e na fragmentação interior sugerida pela imagem do eu como "mecanismo de desastres".

b) O tédio existencial característico do decadentismo evidencia-se na "alma doente"; na incapacidade de encontrar propósito ("ver passar a Vida faz-me tédio"); no recurso ao ópio como fuga; e na desilusão com o mundo ("A terra é semelhante e pequenina").

c) A desilusão com o projeto da modernidade surge na representação da vida como "mecanismo de desastres"; na inadaptação ao mundo moderno ("não encontro a mola pra adaptar-me"); na insuficiência do conhecimento técnico; e na busca final de valores espirituais como alternativa à modernidade materialista.



PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

Proposta de Resolução – Etapa 3

15 de Março de 1914, Canal de Suez

Hoje, finalmente, consegui trocar algumas palavras com aquele estranho português, Álvaro de Campos, engenheiro naval, segundo me disse. Um homem magro, de olhos febris e inquietos, sempre com um ar distante como se procurasse algo muito além do horizonte que nos rodeia.

Encontrei-o encostado à amurada, fumando indiferente ao espetáculo do deserto. Quando lhe falei das maravilhas do Oriente que acabáramos de vislumbrar, sorriu com amargura: "Não vale a pena ter visto a Índia e a China. A terra é semelhante e pequenina". Confessou-me que toma ópio regularmente, não por prazer, mas como "remédio" para um mal que o precede.

O que mais me intriga é como um homem de formação técnica, que deveria celebrar o progresso e as maravilhas da engenharia moderna, parece tão profundamente desiludido com tudo. Falou-me da vida como "um mecanismo de desastres" e disse que mora "no rés do chão do pensamento".

Deixei-o ali, olhando para o nada, e pensei em como este homem representa o paradoxo do europeu moderno: tecnicamente capaz de navegar pelos mares do mundo, mas interiormente perdido. Buscamos o Oriente exótico, mas não conseguimos escapar do vazio que trazemos connosco. Talvez seja esse o verdadeiro abismo - não o que existe entre Ocidente e Oriente, mas o que habita dentro de nós.



O QUE APRENDI?

Após a análise do poema "Opiário", **és capaz** de:

- ✓ Identificar no poema os elementos característicos da fase decadentista de Álvaro de Campos (tédio, doença da alma, busca de evasão através do ópio)?
- ✓ Compreender como o poema expressa a desilusão com a viagem ao Oriente ("A terra é semelhante e pequenina")?
- ✓ Reconhecer no texto as tensões entre a formação técnica do engenheiro naval e a sua sensibilidade doentia?
- ✓ Analisar como o sujeito poético utiliza imagens mecânicas ("mecanismo de desastres") para expressar o seu desencanto com a modernidade?
- ✓ Relacionar o poema com outras manifestações artísticas do decadentismo, como a pintura *O Absinto* de Degas ou o poema *Spleen* de Baudelaire?



COMO POSSO COMPLEMENTAR A APRENDIZAGEM?

Para aprofundar a tua compreensão do poema *Opiário* e da fase decadentista de Álvaro de Campos, poderás ler o romance *Às Avestas* (1884), de Joris-Karl Huysmans, obra-prima do decadentismo europeu.

Este romance retrata a vida de Des Esseintes, um aristocrata entediado que se isola do mundo para criar um universo artificial de sensações refinadas, incluindo experiências com drogas e objetos exóticos orientais. O protagonista, tal como o sujeito poético do *Opiário*, sofre de um profundo tédio existencial e busca na artificialidade e no exotismo uma fuga para a sua "alma doente".

À semelhança de Álvaro de Campos, que viaja ao Oriente apenas para descobrir que "a terra é semelhante e pequenina", também Des Esseintes planeia uma viagem a Londres que acaba por abandonar, concluindo que a imaginação proporciona experiências mais intensas que a realidade dececionante.

O romance ilustra perfeitamente como o mesmo desencanto que permeia o *Opiário* se manifestava na sensibilidade europeia finissecular, tornando-se assim um excelente complemento literário para compreender o contexto estético em que se insere a primeira fase da poesia de Campos.



À Rebours (Às Avestas),
Joris-Karl Huysmans,
Companhia das Letras,
2011